



Director literario:

Atchafalpa
 PAPIM

SUPLEMENTO INFANTIL DO JORNAL

O SECULO

Director artistico:

Edwardo Collaço
 PAPUSSE


TRAVESSEI, caminhando a passos lentos, vergado sobre o fino bordão do pensamento, caminhos tortuosos e escuros que serpenteiam em profundos vales, vales imensos a onde as neves se acumulam e dormem eternamente; percorro, andando apressado, ora por estradas macias, largas, bem construídas, ora por vielas quentes, doentias, sem ar, um país governado somente pela lembrança das suas

tradições — era um país onde a Memória imperava e tinha o seu trono; depois, deslizando quasi sempre por caminhos de cristal e diamante, chego ao maravilhoso reino da Fantasia, tapetado de verdura, cheio de tilias e de rosas!

Aqui, cigarras cantavam, abelhas zumbiam, e o rouxinol galã, com os seus cânticos, fazia com que as límpidas fontes chorassem, chorassem de amores, e as ribeiras, desesperadas, nervosas, saltitassem a rir... a rir às gargalhadas...

Era um reino soberbo!

Com casas de pérolas e palácios de ouro a brilhar sob um líndo sol que deslizava mansamente num Ceu azul, tão azul... que só o de Portugal se lhe pode comparar.

Caminhei ao acaso, por aqui e por ali, muito admirado do que ia vendo e presenciando!...

Homens formosos e esbeltos, que me abriam as portas das suas casas; mulheres donairosas e muito lindas, vestidas dum verde franjado de azul, que me traziam mel e pão; crianças fortes e sadias, que me traziam flores... aves, muitas aves, que voavam alegremente, e me afagavam com os bicos e com as asas...

Estava deslumbrado, e ao mesmo tempo cheio de embaraço. Com franqueza, caros leitores, não sabia o que havia de fazer no meio de tanta amabilidade.

Sabem o que eu fiz?... Pedi para ir falar ao rei... e fui.

O rei era um velhinho, muito velho, muito branco e muito bonzoso.

Quando eu lá cheguei, já estava à minha espera sentado numa grande sala, tendo aos pés um cordeiro branco que dormia, e nos ombros, duas pombas azuis que o afagavam com os bicos.

— Deus seja contigo... a que vêns, amigo?... disse êle com brandura, olhando-me com um olhar que mais parecia o olhar dum santo.

— Á procura duma história para os leitores do Pim Pam Pum!... respondi.

(Continua na pagina 4)

COLABORAÇÃO INFANTIL



A DAMA DA GRUTA

— — — — — POR — — — — —

RAMIRA AUGUSTA ANDRADE MONTEIRO

■ ■ ■ DESENHOS DA AUTORA ■ ■ ■

— — — — — 13 ANOS DE EDADE — — — — —



ALICE tinha apenas 8 anos e mostrava já uma belêsa sem igual. Era filha do nóbre mais notável da côrte; não tinha mãe, e, no entanto, não sentia esta grande falta; seu pai adorava-a. Além disso levava uma vida alegre e feliz junto dos príncipes, com quem brincava familiarmente; Alice estimava-os muito, queria-lhes como a irmãos; também êles lhe correspondiam. Eram três amigos inseparáveis; quem visse

Alice via logo junto dela a princesa Marta e seu irmão Carlos.

Passavam o tempo quasi sem darem por isso.

A medida que Alice ia crescendo, a belêsa ia tambem aumentando com ela, que era o encanto do palácio.

Um dia, porém, o pai de Alice desapareceu. Tinha ido a uma caçada e nunca ninguém mais o vira.

Desolada a pobre menina, que contava então perto de 15 anos, pediu ao rei que mandasse procurar aquele que lhe era tão querido. O rei acedeu amavelmente, 5.000 homens foram procurar por toda a parte o desaparecido.

Soulami (era o nome do fidalgo) não aparecia.

Então o rei mandou deitar pregões por todas as nações anunciando o desaparecimento de um tão estimado vassalo, e prometendo uma enorme gratificação a quem desse qualquer indício sôbre o paradeiro de Soulami.

Era num dia de Agôsto em que o sol dardejava sôbre a estrada poirenta, quando Soulami, sósinho e pensativo, caminhava pela estrada que dava saída à floresta, ia sem destino, não o acompanhava nem um cão. Todos se tinham lançado na doida carreira atrás dum veado que jurava não se deixar apanhar. Depois de reconhecer que não o alcançava, quis voltar para o castelo mas não reconheceu o sitio onde se encontrava e caminhou ao acaso durante algumas horas afastando-se sempre do caminho do castelo. Havia já três dias que se encontrava perdido e começava já a perder todas as esperanças de tornar a vêr sua filhinha.

E assim seguia pela estrada junto da qual se viam alguns campos cultivados. Supondo que houvesse alguma povoação próxima, deitou por um caminho que mais se parecia com um atalho que com a estrada que acabava de deixar. Ouviu-se perto o romurejar das aguas.

Como tinha sede aproximou-se do lugar onde vinha o ruído e viu que era um ribeiro, o sitio que lhe era destinado a bebêr; matou a sede, e, quando levantou a cabeça, reparou que, na sua frente, na outra margem do ribeiro se encontrava uma pequena porta situada nas rochas, que parecia pertencer a alguma gruta.

Fatigado, cheio de sono e fome, resolveu ficar algum tempo a descansar naquela caverna, que tanto a geito se lhe proporcionára. Com o auxilio de uma prancha, atravessou as aguas e dirigiu-se para a gruta. Porém, ao entrar, viu, embora o não esperasse, ao meio uma mesa repleta dos melhores manjares, muito superiores aos que ele jamais provára. Pelo motivo de trazer muita fome, sentou-se, e comeu

do que mais lhe desafiava o apetite. Ia deitar-se no chão quando lhe pareceu ouvir ruído atrás dele. Olhou: uma outra porta parecida com a da entrada, aberta, deixava vêr uma esplendido leito, todo enfeitado com esmeraldas, safiras e rubis, bordado a brilhantes. Nisto sentiu uma pancadinha no ombro. Sobressaltado voltou-se, e uma menina muito bonita, que ele nunca tinha visto, enfiou-lhe um anel no dedo. Sem proferir uma única palavra saiu.

Ele deitou-se e adormeceu. Quando acordou (passadas algumas horas) não encontrou nada em cima da mesa; admirado, procurou por toda a parte os objectos de que há pouco se servira mas não os encontrou. Pareceu-lhe ouvir um assobio formulado de um modo significativo, semelhava-se a um sinal. Era já noite e estava escura. Não teve medo. Mas tinha dado apenas alguns passos, quando ouviu um ruído que o orientou nas suas pesquisas. Todavia, coisa singular, o local onde lhe parecera sentir barulho era absolutamente desabitado, e o ruído reproduziu-se quasi instantaneamente a breve distância. Correu lá. Mas repetiu-se o mesmo fenómeno. Era inexplicavel, não sabia que pensar e prosseguia na busca com uma obstinação quanto mais iludido era. Chegou assim a cerca de 50 metros fóra da gruta. Supondo que se tivesse enganado, entendeu que o mais acertado era voltar para a caverna.

Quando entrou ficou abismado; a mēsa estava repleta de manjares como quando entrára para ali.

Como já tinha fome, sentou-se e comeu. Tinha sono mas a curiosidade não o deixou dormir. Deitou-se em cima da cama a fingir que dormia para vêr se descobria a fóрма misteriosa como a comida desaparecia e aparecia.

Dai a instantes tornou a ouvir o mesmo signal, mas deixou-se estar. Então entrou na gruta uma senhora de belēsa rara e de altivez incomparável. Vinha acompanhada de uma escrava, a qual tirou a mēsa enquanto ela se dirigia ao quarto e verificava se na mão de Soulami ainda se encontrava o anel. Feito isto saíram ambas. Nos dias seguintes Soulami encontrando-se melhor ali que em qualquer parte deixou-se ficar. Os factos davam-se exactamente como nos primeiros dias; nunca se déra por acordado. Um dia, porém, quando se levantou, encontrou em cima da mēsa uma carta que dizia o seguinte:

Senhor:

Estais decerto admirado com o que vos acontece desde a vossa entrada nesta gruta, pois bem; eu vo-lo explico, porque brevemente saireis dela.

— A duas léguas daqui, está um rei a quem morreu a espósa há já 10 anos. Teve um filho muito bom e ilustrado que tem agora 18 anos. Mas a rainha, á hora da morte, chamou sua magestade e disse-lhe: — Como sabeis, vou morrer, e tenho 3 coisas a pedir-vos; a primeira que velleis pelo nosso pequeno infante, que conta só 8 anos, a segunda (disse, dando-lhe um anel) que nunca tireis este anel para eu ficar certa de que sempre que olhardes para a mão vos lembrareis de mim. E a terceira que não torneis a casar com uma senhora que vos tenha feito sofrer. — E dizendo isto a pobre rainha deixou cair a fronte inanimada. — Ora eu, que gostava muito do rei e sabendo que ele nunca faltaria aos pedidos da rainha resolvi, pôr em prática os preceitos. E oferecendo uma noite narcótico ao rei para ele adormecer, tirei-lhe o anel, dando-lhe assim maior desgosto que ele podia ter. O rei com esta falta adoeceu, e até hoje ninguem o pôde curar porque ninguem lhe trouxe o anel.

Ao vê-lo doente ha tanto tempo, compadeci-me do seu sofrimento, e propuz-lhe que, se casasse comigo, lhe daria o anel. Ele acedeu. E eu disse-lhe que mandasse cercar esta gruta na qual estava um homem a quem o anel havia sido confiado por uma jovem que ele nunca conhecera. Ficai portanto sabendo que estais cercado. Perdoae-me se vos fiz mal sem querer. — *A dama da gruta.*

Soulami levantou-se e foi verificar se, na verdade, estava cercado. Logo o reconheceu porque foi preso assim que saiu da gruta. Conduziram-no á presença do rei que ficou muito contente com o anel e que começou logo a restabelecer-se.

Perguntou então a Soulami a sua origem e logo que soube tudo foi ele próprio com a córte leva-lo ao palácio do rei visinho.

Alice veio vêr o pai ainda sem acreditar em tão grande felicidade.

Dias depois realisavam-se na egreja do palácio dois casamentos, que foram abençoados por todos os povos.

Um era o da boa Alice com o príncipe Carlos.

O outro de Marta com Thisáu, filho do rei visinho.

E ainda depois destes, retirando-se o rei visinho para o seu reino, levando Thisáu e Marta, se celebrava outro da dama da gruta, com o rei por quem fizera tantos sacrificios.

■ F I M ■





— Acompanha-me, talvez encontres o que desejas — disse ele, levantando-se.

Caminhei, pois, ao lado d'ele, sempre em silêncio, até que cheguei a um recinto, iluminado pelos fulgores duma grande perola que girava no espaço, rápida, muito rápida, sem fazer barulho!

— E aqui o lugar dos meus sonhos. Vais conhecer a história da minha vida.

Vê... disse ele, apontando para um grande espelho de cristal que estava colocado um pouco abaixo da perola, e que ele ia fazendo mover muito lentamente.

Vê... tornou ele.

E eu olhei, vi, e... também ouvi...

Vi... um rapazinho, esbelto e forte, que apareceu como por encanto numa linda manhã de primavera, numa terra florida, t'oda verde, apenas habitada por animais muito mansos, e aves de diversas cores... e ouvi que estas cantavam, duma maneira tão agradável e harmoniosa, formando um cântico tão delicado, que mais parecia um cântico divino.

O rapaz pastoreava um lindo rebanho de cordeiros brancos.

Não falava nem ria — mas era de aspecto vigoroso, e parecia ter o ânimo forte e decidido.

Afagava, de quando em vez, um ou outro cordeiro que se aproximava, alguma avezinha que lhe pousava nos ombros, uma ou outra abelha que lhe pousava nas faces.

E a tarde chegou convidando-o a assentar-se debaixo duma tília frondosa. Muitas abelhas vieram, trazendo para junto d'ele bilhas douradas a trasbordar de mel; bandos de pássaros de várias cores rodearam-no a cantar, e deixavam cair junto d'ele muitos bocados de pão; um cisne branco, veio pousar-lhe nas mãos uma taça de cristal cheia de água límpida,

— Oh! Como vocês são meus amigos, lindos animaizinhos... dizia ele acariciando-os ternamente.

— Sim, e porque não?!... Tu nunca nos fizeste mal, antes pelo contrario. E nós fazemos sempre isto aos rapazes que nos tratam bem.

E chairavam, chairavam alegremente.

— Sim, sim, todos os rapazinhos deviam ser nossos amigos.

— Mas, deixa lá isso, e responde-nos uma coisa: porque andas tu tão triste?...

— Triste, não. Dizei antes, pensativo.

— Pensativo!?

— Sim. Por causa d'esse rebanho, que uma feiticeira muito velha e muito má entregou à minha guarda, depois de me trazer para aqui, para esta terra que eu nunca tinha visto.

Disse-me que eram jovens e donzelas da minha terra, e que se eu as não desencantasse no prazo de seis dias, nunca mais veria a minha Pátria, meus pais e meus irmãos.

Ficaria condenado a viver eternamente junto d'esse pobre rebanho.

E já passaram quatro dias, e eu ainda não sei o que hei-de fazer.

— Ah! Não te apoquentes, nós te ajudaremos, nós te ajudaremos. Olha... disse a abelha, que era a rainha das abelhas, eu sei aonde se encontra o suco duma flor que faz dormir, e que por meio dum sonho, nos fará ouvir a resposta à pergunta que tenhamos gravada no pensamento. Queres que vá buscá-lo?

— Vai, sim, querida amiga, vai...

— Companheiros, vinde comigo, vá, vinde comigo...

E todos se retiraram, seguindo ansiosos a abelha que voava apressadamente.

A tarde estava já no fim.

A noite chegou, branca de luar, calma e silenciosa, E o rapazinho, de joelhos, dentre o rebanho adormecido, olhando docemente o azul do Ceu recamado de estrélas, começou a rezar, a rezar com fervor...

Um cordeiro, o mais lindo do rebanho, viera enroscar-

se junto d'êlê balindo tristemente... Muito tempo esteve assim. A abelha não aparecia, a noite estava em meio.

Era a hora do sonho e do prodígio.

De repente, um bater de muitas azas se fez ouvir, e a abelha apareceu, zumbindo, à frente dos seus bons companheiros, trazendo nas patas uma flôr azul, chela de um líquido branco meio viscoso.

— Cheira, disse ela apresentando-lhe a flôr.

Êle cheirou, ficou como que embriagado, deitou-se de costas num tufo verde de relvas macias, com a flôr na mão, encostada ao peito, e começou a dormir... a sonhar, a falar alto...

— Então, o que hei-de fazer?

Logo a flôr se transformou numa linda fada vestida de branco, que se assentou junto d'êle, acariciando-lhe, com a mão leve, fina, esguia, os caracois dos cabelos loiros.

— Então, linda fada, o que hei-de fazer?... Tornou êle a perguntar.

Então ela falou:

— «Olha, aqui perto, ha um lago muito escuro, o *lago negro*, no fundo do qual existe uma chave, que é a *chave do inigma*. Esse lago é guardado por muitas serpentes e monstros, que matarão todo aquêlê que dela se aproximar.

Mas não tenhas receio. Encontrarás muito perto de ti uma espadu de vidro fino— logo que a agarras, podes, caso queiras, tornar-te invisível e muito leve.

Com ela has-de matar essas serpentes. Logo que te apoderes da chave, escava em volta da mais pequenina tilia que encontres, e aí acharás uma caixa de oiro tendo dentro um pente de marfim.

Com êle penteas a lâ das tuas ovelhas».

A fada nada mais disse. O rapaz dormiu até de manhã. O sol aparecera ridente, no Cen, transportando o seu carro de luz...

Êle levantou-se, meio extremunhado; as áves cantavam; as abelhas zumbiam e pousavam sôbre as flôres das tilias; os cordeiros pastavam; uma espada nua jazia ali perto, coruscando scentelhas de prata.

O pequeno agarrou-a, e chamando o cisne perguntou-lhe:

— Sabes onde se encontra o *Lago negro*?

— Sei. E' acolá... vês aquêlê mancha escura, além?

— Vejo.

— Pois é ali. Mas toma cuidado, ninguem lá pode chegar.

— Não tenhas mêdo. Fiquem aí, e venham quando eu vos chamar.

O rapaz foi andando lentamente em direcção ao lago. Ali nada se via de anormal, a não ser a sua negrura tristonha.

Apenas, porém, se aproximou, muitas serpentes começaram a aparecer à tóna de água, como por encanto, lançando silvos estridentes; monstros verdes-negro, c'bertos de limos, de pele viscosa, deslisavam rápidamente sôbre as águas do lago, mostrando os enormes dentes das suas grandes bocas escancaradas.

Que horror!

— Invisível e leve, me quero tornar, disse—o rapaz. Imediatamente desapareceu à vista.

E passado um momento, muitas cabeças de serpente e de monstros boiavam à superfície, mais, cada vez mais...

Milhares e milhares aparecem ainda, e milhares e mi-

(Continua na pagina 7)



PARA OS MENINOS

PENSAREM



PROBLEMAS

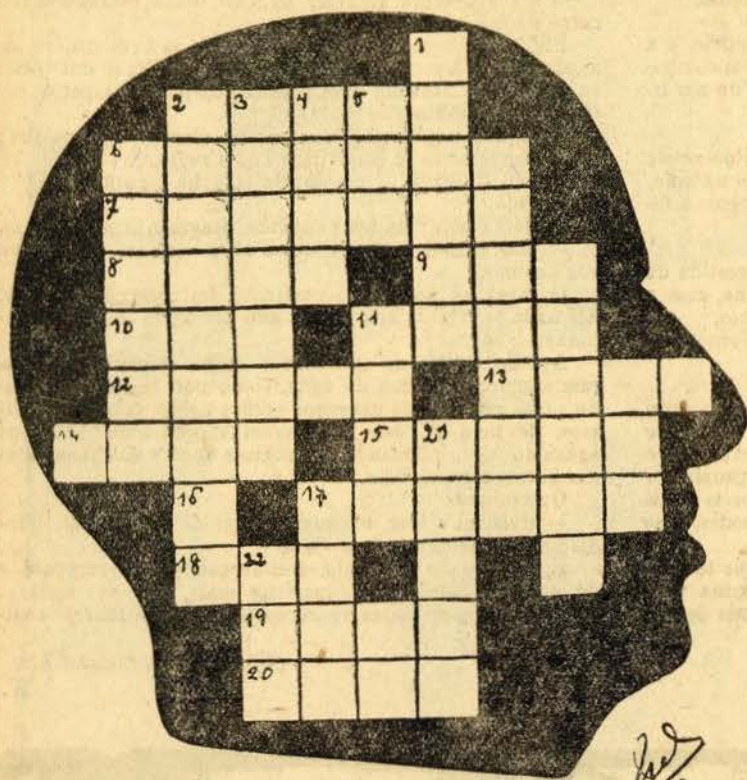
— DE —

PALAVRAS

CRUZADAS

POR

Manuel de Jesus Neves



1. — CARA

HORIZONTAIS

2 — tôdas as igrejas teem. 6 — ponto alto donde se divisa vasto horisonte. 7 — não se movem. 8 — noa em francês. 9 — simbolo dos escoteiros. 10 — pronome latino. 11 — esfêra. 12 — carreta para transportar doentes (no plural). 13 — verbo. 14 — bengala com a extremidade grossa. 15 — não quer trabalhar. 17 — folia. 18 — substantivo. 19 — passaro. 20 — substância da qual se faz tintura.

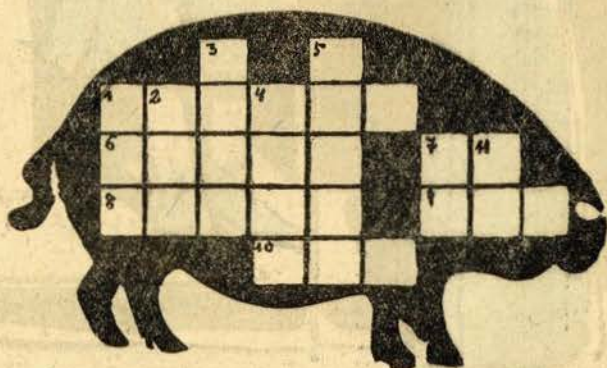
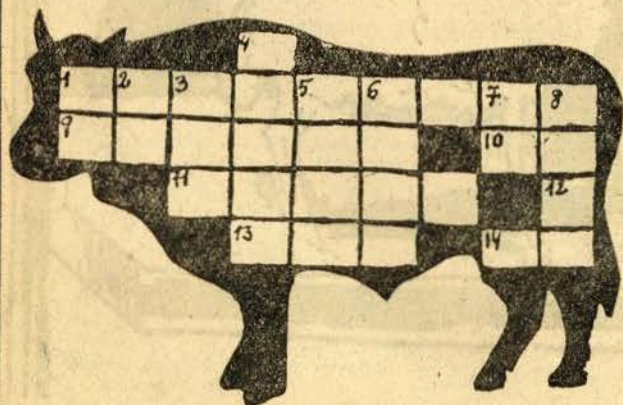
VERTICAIS

1 — feitio. 2 — fingimento. 3 — adjectivo. 4 — navio. 5 — numeral em inglês. 6 — o mais pequeno. 11 — 3 consoantes e 1 vogal. 17 — gente. 21 — idade em francês. 22 — um tempo do verbo ir.

2. — VACA

HORIZONTAIS

1 — ratoeira. 9 — tornar a ter. 10 — preposição. 11 — verbo. 13 — morde. 14 — verbo.



VERTICAIS

1 — substância indispensavel à vida. 2 — nota musical. 3 — matéria que cobre a maior parte da superficie terrestre. 4 — verbo. 5 — diabo. 6 — gaúgae. 7 — pronome pessoal em inglês. 8 — verbo.

3. — PORCO

HORIZONTAIS

1 — verbo. 6 — barulho. 7 — nota musical. 8 — acto que apavora os rapazes. 9 — periodo de tempo. 10 — planta trepadeira.

VERTICAIS

1 — goste. 2 — jôgo. 3 — guarda-pó. 4 — tempo em inglês. 5 — têr medo. 7 — pronome pessoal latino. 11 — verbo.

lhares de cabeças disformes e de corpos horrendos se iam separando rapidamente.

Só uma serpente ainda vive, se debate na água, fugindo aos golpes, dando saltos espantosos. De nada lhe valeu este trabalho — em breve ela teve a mesma sorte que as outras.

* * *

Em seguida, foi aparecendo a pouco e pouco, por cima das águas, uma sombra que caminhava em direcção à margem esquerda do lago, e depois nitidamente já em terra, o corpo do rapaz, de pé, encostado à sua espada mágica.

Tinha os cabelos em desalinho e estava pálido, cansado. Soltou um assobio longo e agudo, e imediatamente apareceram os cordeiros, as abelhas, as aves.

— Cisne, disse êle, queres ir ao fundo do lago buscar uma chave?

O cisne nada disse, antes correu para a água, mergulhou, e em breve apareceu à superfície, trazendo no bico uma pequenina chave dourada.

O rapaz agarrou-a, e partiu a correr à procura da tília. Não foi difficil encontra-la, era a mais pequenina de todas...

Escavou, remecheu a terra com as mãos e com a espada, até que encontrou a preciosa caixa.

Abriu-a, e tirou o pente.

Um cordeiro, o mais lindo do rebanho, estava junto dêle, lambendo-o e afagando-o.

Mas não foi êsse o primeiro que êle penteou. Penteou os outros. E de cada cordeiro ia saindo a mais graciosa donzela, o joven mais gracioso, que iam ajoelhando junto dêle reconhecidamente. Chegou a vez do último, do mais lindo do rebanho. E então oh? Fantasia! Dêle, saíu uma princesa linda como os anjos, vestida de branco, de fronte aureolada de caracois loiros, que se ajoelhou a seus pés chorando de alegria.

Êle levantou-a mansamente, puxou-a a si e deu-lhe na fronte um beijo casto, um daquêles em que se conjuga o amor espiritual de dois entes.

— Ah! A princesa do meu reino!... exclamou.

Eu amo-te, eu amo-te... oh! não, não, perdoa-me, eu sou filho do povo.

— Que me importa, diz ela, se tu me salvaste, e' eu gôsto de ti?...

— Obrigado, princesa, obrigado...

Mas... onde fica a nossa terra?

Uma pomba que estava ali perto, pousada numa tília, ao ouvir esta pergunta, levantou vôo, perdeu-se no espaço, e voltou pouco depois.

— A vossa terra, informou ela, é o reino da Fantasia, vinde comigo que eu sei o caminho;

— Vinde, vinde todos... vinde tambem animaisinhos, queridos amigos, lá sereis meus hóspedes eternamente... disse êle, atirando ao ar o pente e a espada que se desfizeram no espaço.

Estava um dia lindo. A Naturêsa ria alegremente, tudo cantava.

* * *

O reino da Fantasia, até aí de luto, estava agora em festa. As casas dardejavam ao sol, as bandeiras do palácio real tremulavam alegremente, em toda a parte se levantavam hinos, em fâvor dos que voltavam desencantados!

E foi neste mesmo dia que se realizou o casamento da princesa com Fantástico, (pois, assim se chamava o bom e corajoso rapaz).

* * *

Passado pouco tempo, porém, o velho rei falecia, e Fantástico subia ao trôno por entre as aclamações da multidão.

A velha bruxa estoitou de raiva, e o reino viveu sempre, através dos tempos, em repleta harmonia, em paz eterna. Hoje é um reino de aves, de flôres e de boa gente.

* * *

Pois, caros leitores, foi isto que vi e ouvi, no palácio, de Fantástico, que é um velhinho muito branco, e que vive ainda em companhia da princesa, tambem já velhinha.

E como o meu reino não era aqui, eu agradeçi ao rei e recolhi-me ao meu império que nada tem de fantasista.

Ah! Mas quero ainda dizer-vos uma coisa.

Sabem o que êle me disse, quando me vim embôra?...

Foi o seguinte:

— Diz aos rapazes do teu reino, que tratem sempre bem os animais. São êles que nos livram de grandes perigos...

■ ■ F I M ■ ■



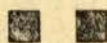
A VÁ

POR

AUGUSTO DE SANTA-RITA

DESENHO DE

EDUARDO MALTA



Quando eu era inda menino
pequenino:
— Pá-tá-pá,
pouco mais do que de mama;
em casa tinha uma ama,
a quem tratava por Vá.

Passava os dias chorando,
gritando,
chamando:

— O' Vá-á-á-á-á!...

E, entã,

a Vá

respondia:

— «ih Jesus, que gritaria!...

vou ali, vou acolá,

meu Pá-tá-pá,

volto já!

Mas de novo eu insistia,

dir-se-ia

em contradição:



— «ó Vá, não vá,
não vá, ó Vá!...

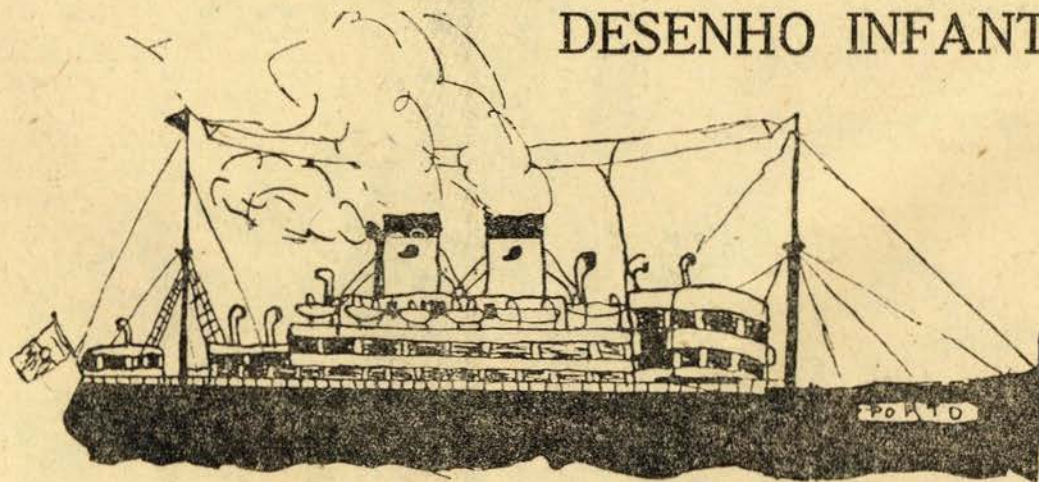
*

*

*

E ai o que isto me doi,
hoje que um homem sou:
— vejo que a Vá se foi
e nunca mais voltou!

DESENHO INFANTIL



Por Ernesto Fernando Liva
12 anos de idade.
Porto